

A avaliação e a natureza da narrativa

Ivanoschka Monteiro*

Resumo:

Este trabalho investiga a ocorrência de mecanismos avaliativos em narrativas de experiência pessoal e em narrativas de experiência vicária com o intuito de mostrar que o uso desses artifícios na narrativa não dependem da natureza da história, mas sim da competência lingüística do narrador.

A narrativa é freqüentemente usada como um meio de as pessoas compartilharem experiências e acontecimentos passados. Labov e Waletzky (1967:1-2) consideram o texto narrativo não só uma técnica verbal usada para a recapitulação de experiências passadas, mas também uma forma de veicular um ponto de vista sobre os acontecimentos narrados. Daí distinguem os autores duas funções básicas da narrativa: a referencial e a avaliativa. A referencial diz respeito à seqüência de eventos temporalmente ordenados, ao passo que a segunda põe em relevo o sentido da história que está sendo contada.

Segundo Labov (1972:369), uma narrativa plenamente desenvolvida apresenta uma estrutura composta de seis partes: resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda. A avaliação é "o meio usado pelo narrador para indicar o *point* da narrativa, sua *raison d'être*, porque ela está sendo contada", além de ser um meio de que dispõe o narrador para se colocar numa posição privilegiada (Labov,1972:366).

De acordo com o mesmo autor, há várias maneiras de o narrador avaliar a história que conta. Labov e Waletzky (1967:25-26) apresentam uma gradação, a partir do tipo mais interiorizado -ação simbólica e avaliação de uma terceira pessoa, a um tipo mais externo - afirmação direta do narrador sobre seus sentimentos no momento em que ocorriam os fatos. Na avaliação externa, o narrador pode interromper a narrativa para chamar a atenção do interlocutor e indicar-lhe a relação entre os acontecimentos e os comentários avaliativos que sobre eles estão sendo feitos. Por outro lado, quanto maior o grau de encaixamento da avaliação maior será a preservação da continuidade dramática do relato.

Os comentários avaliativos podem aparecer ainda sob a forma de mecanismos de avaliação interna. Labov (1972:378) distribui esses mecanismos em quatro subtipos: intensificadores, comparadores, correlativos e orações explicativas.

Os intensificadores incluem os dêiticos, normalmente acompanhados de gestos, alongamentos, acento enfático, repetição, quantificadores, enunciados rituais. Os intensificadores não conferem complexidade à sintaxe narrativa. Os comparadores estabelecem uma relação entre acontecimentos hipotéticos e os que de fato ocorreram. São as negativas, os futuros, os modais, os imperativos, os superlativos e os

*O presente trabalho é parte integrante do projeto A avaliação implícita em narrativas orais: estratégias estilístico-pragmáticas, coordenado pela professora Maria da Piedade Moreira de Sá (UFPE).

comparativos. Os correlativos resumem os acontecimentos numa só oração independente, de modo a ressaltar a simultaneidade das ações. Labov (1972:387) aponta como correlativos os progressivos (verbo ser + gerúndio), participios apensos, apostos duplos, atributivos duplos. As orações explicativas, constituídas por subordinadas apostas à principal - uma oração narrativa - qualificam os acontecimentos mais relevantes ou especificam suas motivações.

Esses mecanismos podem aparecer tanto na sessão de avaliação quanto ao longo da narrativa.

Labov (1972:367) considera a presença da avaliação a principal diferença entre uma narrativa de experiência pessoal e uma narrativa de experiência vicária. As vicárias ou de segunda mão, por não serem avaliadas, são por ele consideradas carentes de organização, ambíguas e sem sentido.¹ Vale salientar que as amostras analisadas por Labov e Waletzky, (1967:21) são relatos de seriados de televisão feitos por adolescentes ou pré-adolescentes. É possível que narradores maduros falando sobre acontecimentos reais, vividos por terceiros, produzam narrativas bastante avaliadas, como é o caso da narrativa aqui analisada. Considera-se narrativa de experiência vicária aquelas em que o narrador relata uma história que lhe foi contada por terceiros.

Pretendemos mostrar que as narrativas vicárias podem ser tão avaliadas quanto as de experiência pessoal: elas apresentam um *point* e são estruturalmente organizadas.

2. Análise de uma narrativa de experiência pessoal

As narrativas que selecionamos para análise foram extraídas de inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), coletados pelo projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta) do Recife e do Rio de Janeiro.

A primeira narrativa, extraída do inquérito nº 261/RJ, gravado em 1974, tem como tema *Instituições: ensino, igreja*. A informante é carioca, tem 54 anos e é formada em economia.

/.../ então nós tínhamos um professor... ele... ele... ele debochava mesmo... não sei... a expressão é essa... de uma aluna... ela era gordona... já repetiu muitos anos... né... então ele ria dela... fazia piada dela... a turma dava de rir e eu ficava séria... eu achava aquilo uma covardia... né? que fazer... bom... ele naturalmente... ele percebeu né? Então um dia ele disse ao chefe de disciplina de nossa turma que eu conversava muito... mentira dele... eu não conversava... apenas eu não... não aplaudia as coisa errada que ele fazia... ficava séria... então ele... o inspetor da turma... assim você vê... né... me mandou sair da... da...daquele banco e ir pra outro banco... quer dizer me tirou da... do grupo que eu estava que era eu... era C. e V... eu fui né? a aula seguinte... a professora que chegava... eu cheguei pra professora e disse... aconteceu isso assim assim... eu quero ficar no meu lugar...pode ficar... então eu reagi... não é? quer dizer... mas já naquela... quer dizer... já se sentia um pouco... né... quer dizer... um

¹ Labov (1997:403) adota uma nova perspectiva para a avaliação. Esse importante componente da narrativa passa a ser visto de forma menos estrutural, recebendo a seguinte definição: "A avaliação de um acontecimento é a informação sobre as conseqüências do acontecimento sobre as necessidades e os desejos humanos".

profe/ eu... o professor só pelo fato de eu não... não achar graça das piadas dele com essa menina... ele agiu assim comigo... e eu... eu sempre tirava dez na... na... na matéria dele... cem naquela época... né... e ele disse assim... vamos ver se essas moças que tiram cem... alunos que tiram cem... realmente sabem a matéria... era eu... era S... S... mas eu não era boba... né... a matéria dele estava sempre em dia... né? Aí de/dei um show de... ((risos)) (CALLOU e LOPES, 1993:118-119)

Na entrevista, a narradora conta um episódio escolar em que foi injustamente punida. É, sem dúvida, um fato relevante e digno de ser narrado. A história parece ser contada principalmente para evidenciar os méritos da narradora (*eu sempre tirava dez, a matéria estava sempre em dia, dei um show*) colocando-a naturalmente numa posição privilegiada. No entanto, o que nos interessa analisar, são os mecanismos avaliativos usados pela narradora, pois é nosso intuito mostrar que tais elementos podem aparecer tanto em narrativas de experiência pessoal quanto em narrativas de experiência vicária.

O primeiro mecanismo que nos chama atenção são as orações negativas. A narradora utiliza frequentemente esse artifício como podemos observar nos exemplos seguintes: *eu não era boba... eu não conversava... apenas eu não... não aplaudia as coisa errada que ele fazia, o professor só pelo fato de eu não... não achar graça das piadas dele com essa menina...* Diz Labov (1972:380-381) que tais orações são altamente avaliativas porque dizem o que não aconteceu em vez do que aconteceu. O mesmo autor questiona: se o objetivo do contador da história é narrar o que ocorreu, por que dizer então o que não ocorreu? Sendo assim, conclui que as orações negativas são mais um recurso avaliativo usado pelo narrador para conferir sentido e interesse à história. As negativas colocam a narradora numa posição impar, já que ela não faz e não é o que os outros fazem e são.

Outra estratégia avaliativa usada pela narradora é a repetição. Na sessão de orientação, a narradora caracteriza as atitudes do professor e da turma em relação à *aluna gordona (um professor... ele... ele... ele debochava mesmo... não sei... a expressão é essa... de uma aluna... ela era gordona... já repetiu muitos anos... né... então ele ria dela... fazia piada dela... a turma dava de rir)* e logo em seguida menciona a atitude dela (*eu ficava séria...*). Mais adiante, repete a mesma estrutura *-ficava séria-* quando se defende de uma falsa acusação do professor (*eu não conversava... apenas eu não... não aplaudia as coisa errada que ele fazia... ficava séria...*). Esse mecanismo é bastante simples do ponto de vista sintático, no entanto é eficaz na medida em que intensifica um determinado aspecto da história chamando a atenção do ouvinte para esse ponto.

As orações explicativas também aparecem como estratégias avaliativas usadas pela narradora. É freqüente o uso do marcador metalingüístico *quer dizer (... quer dizer me tirou da... do grupo que eu estava, ... quer dizer... já se sentia um pouco... né... quer dizer... um profe/ eu... o professor só pelo fato de eu não... não achar graça das piadas dele com essa menina...)* para explicar um ponto de vista que considera de fundamental importância para o entendimento da história.

Além dos mecanismos de avaliação interna acima mencionados, verificamos

também o aparecimento da avaliação externa. Servem de exemplos: *mentira dele... eu não conversava... apenas eu não... não aplaudia as coisa errada que ele fazia... ficava séria..., então eu reagi... não é?* Nesses casos o contador da história interrompe a seqüência de acontecimentos, se dirige ao interlocutor e faz uma comentário pessoal acerca do que está sendo narrado.

As estratégias avaliativas não só conferem maior interesse à história que está sendo contada, mas também colocam a narradora numa posição privilegiada. Toda a história parece ser contada para salientar as qualidades positivas da narradora. Se ela as enumerasse, numa conversação, talvez despertasse em seu interlocutor uma imagem negativa, visto não ser socialmente aceitável o auto-elogio; ela poderia ser considerada uma pessoa exibida, convencida ou esnobe. Além disso, por não compartilhar com o comportamento do professor e da turma, se mostra uma pessoa sensível, educada, respeitadora e humana.

O uso da avaliação com o intuito de salientar os méritos e as qualidades pessoais do narrador evidencia uma importante função da narrativa chamada por Labov e Waletzky (1967), de auto-engrandecimento. A narradora utiliza o riso como um mecanismo eficaz para chamar a atenção do interlocutor para alguns pontos da narrativa em que ela figura numa posição privilegiada. Segundo Oliveira (1999:34), o riso aparece como uma forma de alinhar-se com o interlocutor e assim conquistar a sua simpatia. Vejamos o exemplo: *a matéria dele estava sempre em dia... né? Aí de/dei um show de... ((risos))*.

3. Análise de uma narrativa de experiência vicária

A segunda narrativa, foi extraída do inquérito nº 191/RE, gravado em 1979, que tem como tema *Transportes e viagens*. A informante é pernambucana, tem 73 anos e é coordenadora de um colégio, escritora e jornalista.

/.../ até contam um episódio muito interessante de um homem levado ao Padre Cícero... que eu também conheço Juazeiro... fui conhecer a terra do Padre Cícero render minhas homenagens ao Padre Cícero... juntamente com o povo ge/ vi gente de São Paulo do Rio Grande do Sul lá... deixando as promessas esCRItas... lá na parede da casa das lembranças de Padre Cícero... mas... diz que este homem que i:a éh éh éh não era... um crimi/ não era um doente... neste caso não era um doente... era um um criminoso... quer dizer na naquele tempo se dizia cangaceiro não é? depois a palavra virou para pistoleiro não é? foi progredin:do tudo crescen:do evoluin:do não é? até a violência... então... éh éh éh o os homens... carregando aquela re:de e na rede... um criminoso um fascínora... que ia matar Padre Cícero... mas quando ele se aproximo:u... da casa de Padre Cícero... DIZEM eu acho que faz parte da lenda não é? Que contam muita coisa aliás Padre Cícero... foi uma boa criatura pelo que eu ouvi dize:r de bonda:de de que pessoas que ele educo:u de gente que eu vi forma:da à custa dele denti:stas professo:ras à custa dele... quer dizer coisas concretas reais eu não vou ao sobrenatural... não é essa parte de sobrenatural... essa parte de caridade humana não é?... e então... ele disse logo foi parando disse assim... " não é um doente é um criminoso... e ele vem me matar" ... então quando abri:ram... dizem eu acho que faz parte da

lenda... quando abriram a rede o homem tava morto... morreu sem ninguém saber como... quer dizer milagre de Deus... na linguagem... dos adeptos de Padre Cícero... (SÁ et alii,1996:126)

A narrativa acima gira em torno de um acontecimento extraordinário e que, naturalmente, desperta o interesse e a curiosidade no ouvinte. Outro aspecto a considerar é que, ao contar a história, a narradora ressalta sua opinião pessoal, contrapondo-a à dos "adeptos do padre Cícero". A seguir analisaremos os mecanismos avaliativos de que se utiliza a narradora para diferenciar-se dos habitantes do Juazeiro.

Os primeiros mecanismos que nos chamam a atenção são classificados por Labov (1972:379) como fonologia expressiva. São eles: o acento enfático e o alongamento vocálico. No que respeita ao primeiro, a narradora pronuncia enfaticamente a forma verbal "DIZEM", para referir-se ao ponto de vista dos fieis, e confronta essa opinião com a sua própria, por meio da expressão "eu acho". É interessante observar que o tom enfático em DIZEM, contrapondo-se a pronúncia não enfática de acho, acentua a oposição entre os dois pontos de vista. O alongamento vocálico aparece nas palavras *bonda:de, denti:stas, professo:ras*. Note-se que o alongamento vocálico nessas palavras leva o interlocutor a compartilhar com a narradora, a visão de que padre Cícero foi um homem bondoso e caridoso, não um santo.

As orações negativas, assim como na narrativa anterior, também aparecem nesta história. No trecho "*quer dizer coisas concretas reais eu não vou ao sobrenatural*", a narradora interrompe a seqüência de eventos para introduzir um comentário pessoal. É neste momento que utiliza uma oração negativa para dizer o que não acredita. São portanto, mais uma estratégia de que dispõe o narrador para valorizar a história que está sendo contada.

A repetição e as explicações são mecanismos que aparecem nas duas narrativas analisadas. Na de experiência vicária, a narradora repete duas vezes DIZEM eu acho que faz parte da lenda... contrastando a forma verbal "DIZEM" com a estrutura "eu acho". A narradora ressalta a crença dos fieis na santidade de padre Cícero, recorrendo ao mecanismo avaliativo da explicação: *quer dizer milagre de Deus... na linguagem... dos adeptos de Padre Cícero...* Observe-se que, assim fazendo, a narradora opõe, de forma implícita, o seu julgamento ao dos fiéis.

Ocorre também a suspensão da seqüência de eventos para a inclusão de um comentário pessoal. No primeiro momento, a narradora acrescenta uma explicação metalingüística da palavra *cangaceiro* (*quer dizer na naquele tempo se dizia cangaceiro não é? depois a palavra virou para pistoleiro não é? foi progredin:do tudo crescen:do evoluin:do não é? até a violência...*). Mais adiante, suspende mais uma vez a ação narrativa para demonstrar seu conhecimento sobre padre Cícero (*aliás Padre Cícero... foi uma boa criatura pelo que eu ouvi dize:r de bonda:de de que pessoas que ele educo:u de gente que eu vi forma:da à custa dele denti:stas professo:ras à custa dele... quer dizer coisas concretas reais eu não vou ao sobrenatural...*).

Nas duas histórias analisadas, as narradoras estabelecem oposições, que podem ser interpretadas como comparações do tipo "eu sou assim e os outros são diferentes". Na narrativa de experiência pessoal, a narradora estabelece essa oposição

logo na seção de orientação quando contrasta a atitude do professor e da turma com a dela (*ele ria dela... fazia piada dela... a turma dava de rir e eu ficava séria...*). Parece-nos que a narradora quis dizer, embora de forma implícita, que ela era educada, humana e sensível, e a turma e o professor não eram assim. Na narrativa de experiência vicária, a oposição se repete. A contadora da história repete uma estrutura que contrasta a opinião do povo com a opinião dela no que respeita à lenda de padre Cícero (*DIZEM eu acho que faz parte da lenda...*). Esse contraste de pontos de vista implícita a idéia de que a narradora é uma pessoa experiente, racional, enquanto o povo é ingênuo, místico e crédulo.

A avaliação é, segundo Labov, o meio que o narrador usa para comunicar ao seu interlocutor sua visão pessoal dos acontecimentos. No exemplo que acabamos de analisar, é evidente a preocupação da contadora da história em colocar-se numa posição diferenciada. Sendo assim, a narradora passa a ser vista pelo seu interlocutor como uma pessoa intelectualizada, que não se deixa levar por credences populares.

Vale salientar que a narradora se autopromove durante a narração da história, sem contudo, diminuir os que pensam diferente.

Conclusão

Os mecanismos avaliativos são comuns tanto em narrativas de experiência pessoal quanto em narrativas de experiência vicária. Verificamos que as estratégias avaliativas usadas pelos narradores são bastante semelhantes, quando não são as mesmas. É o caso da repetição, uso da negativa, orações explicativas, fonologia expressiva e avaliação com suspensão da ação. Por outras palavras, podemos dizer que o aparecimento de estratégias avaliativas no texto narrativo não parece ter nenhuma relação com a natureza da história, mas sim com a competência lingüística do narrador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALLOU, Dinah; LOPES Célia Regina (org.). (1993). *A linguagem falada na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ.
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua (1967). Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. In: June Helms, (ed). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle, University of Washington Press, pp. 12-44.
- LABOV, William (1972). The Transformation of Experience in Narrative Syntax. In: *Language in the Inner City*. Oxford, Basil Blackwell, pp.354-396.
- _____ (1997). Some Further Steps in Narrative Analysis. *Journal of Narrative and Life History* 7(1-4):395-415.
- OLIVEIRA, Miguel (1999). The Function of Self-Aggrandizement in Storytelling. *Narrative Inquiry*, 9 (1):25-47.
- SÁ, Maria da Piedade et alii (1996). *A linguagem falada na cidade do Recife*. Recife, Editora Universitária.